



## EDITORIAL

O ensino de filosofia, considerado enquanto campo de conhecimento, com seus problemas devidamente apresentados, seus objetos bem delimitados e seu repertório teórico, prático e especulativo é ainda, honestamente, uma tarefa em construção. Afirmamos isso sem negligenciar toda a contribuição, que não é recente e tampouco irrelevante, de pesquisadores e pesquisadoras vinculados majoritariamente à área da educação. Ao contrário, podemos dizer que suas contribuições fizeram jus à importância dos problemas da área enquanto filósofas e filósofos, em sua imensa maioria, não transformaram seu interesse por esse campo de conhecimento em produção científica e acadêmica.

A proposta do dossiê, acolhida pela equipe editorial da Revista Paranaense de Filosofia, tem como objetivo justamente estimular a produção e o compartilhamento das pesquisas realizadas recentemente no campo de ensino de filosofia, com especial atenção a uma fatia desta área que tem se mostrado relevante, quantitativa e qualitativamente, sobretudo se observarmos com atenção as dissertações resultantes dos dois programas dedicados ao ensino de filosofia, filiados à área da filosofia, que vem ampliando o alcance destas pesquisas no Brasil. Nos referimos aqui, nominalmente, ao Programa de Pós-graduação em filosofia e ensino, do CEFET-RJ, e ao Programa de Pós-graduação em ensino de filosofia, o PROF-FILO (de abrangência nacional e em rede).

O recorte de contribuições sobre as possíveis relações entre as artes e o ensino de filosofia procura reunir indistintamente textos especulativos e teóricos, propostas metodológicas e relatos de experiência, a fim de dar visibilidade àquilo que no ambiente escolar, por exemplo, talvez já tenha sido incorporado como uma prática habitual: recorrer às expressões artísticas em sala de aula, seja como ponto de partida, desenvolvendo uma das estratégias mais frequentes da sala de aula, que Sílvio Gallo descreveu como a estratégia de sensibilização, ou seja enfrentando um caminho provavelmente mais desafiador, qual seja, o de partir das próprias obras de arte como objeto filosófico.



Este número está distribuído, portanto, em duas sessões. Os artigos que constituem o dossiê “As artes e o ensino de filosofia” e os artigos de fluxo contínuo da revista, recebidos e aprovados neste período para o número 2 de 2022.

A sessão do dossiê “As artes e do ensino de filosofia” começa com o “Ensaio sobre a defesa da filosofia no Brasil”, de Antonio Alves, que busca refletir sobre o a importância do ensino de filosofia no Brasil a partir de um mote interessante: uma defesa apaixonada da filosofia e alguns desdobramentos sobre a noção de violência intelectual e os desafios da gestão da relação entre educação e filosofia pelo Estado.

Em seguida, como parte do dossiê “As artes e o ensino de filosofia”, apresentamos o relato de experiência intitulado “A leitura do clássico adaptado para HQ e o desenvolvimento do olhar filosófico”, de Leandro Raphael Vicente, no qual o autor analisa o uso das HQ’s no ensino de filosofia e relata uma experiência realizada em sala de aula, numa escola em São Paulo, a partir da adaptação de um clássico da literatura brasileira em formato de quadrinhos.

As mídias sociais e sua eventual capacidade de contribuir para alternativas e estratégias de ensino é tema do artigo intitulado “Pensando a rede social Facebook no ensino de filosofia”, de José Carlos e Jossilane de Sousa, onde se destaca o grande potencial da utilização da rede social Facebook como recurso auxiliar ao ensino da filosofia, reconhecendo-o como capaz de proporcionar aos estudantes já tão familiarizados com as redes sociais o desenvolvimento de características essenciais ao pensamento filosófico no ensino médio.

O artigo “Filosofia e arte: aliados para um ensino de filosofia libertador”, de Aline de Oliveira e Maurício Rasia, defende que a interação entre arte e filosofia tem muito a contribuir com o processo de construção de significado da aula de filosofia, da compreensão do mundo e da autonomia dos sujeitos envolvidos. Tendo como principal referência no campo pedagógico os trabalhos de Paulo Freire e bell hooks, o artigo ainda considera a noção de Pop Filosofia e a sugestão de que a aula possa ser pensada como um laboratório de sensações e pensamento, aproximando-se da filosofia de Gilles Deleuze.

No contexto dos ataques com bombas nucleares de 1945 o artigo “A obsolescência da humanidade”, dos autores Weslem Gimenez e Marta Rios Alves, parte do evento da bomba nuclear em 1945 e seus desdobramentos militares, técnicos e filosóficos para, a partir de uma



obra de ficção, e busca oferecer um exemplo de articulação entre a pesquisa científica, a problematização filosófica e a prática de ensino de filosofia, tendo a escola como espaço privilegiado de atuação.

Em seguida, uma reflexão sobre a possibilidade de ensinar filosofia com o auxílio de técnicas teatrais e de ferramentas cênicas, trazidas à tona pelo texto “Um lugar de ver e lugar de refletir”, de José Mauricio de Assis Espinosa. O texto que parte das questões anunciadas desde a filosofia platônica e transita, sobretudo, por referências como Deleuze e Foucault, tem como objetivo oferecer uma reflexão sobre o teatro, o ‘teatron’, como o lugar de ver, de enxergar que é também uma questão filosófica, tanto no sentido direto quanto no metafísico.

São três os artigos que constituem a sessão de fluxo contínuo deste número da revista começando com “Entre Nietzsche e Camus: niilismo e absurdo”, de Michelle Ferreira de Lima, em que os conceitos de niilismo e absurdo são descritos à luz do pensamento de dois autores que frequentemente habitam os limites entre a filosofia e a literatura, a saber, Nietzsche e Camus. Há, ao que parece, uma conexão entre eles, na medida em que o niilismo, segundo Nietzsche, surge como um sintoma da derrocada do sentido e que se intensifica em direção a uma destruição total dos valores. Camus, por sua vez, se mostra interessado em descobrir se a falta de sentido e a constatação do vazio resultariam em suicídio.

Em seguida temos um artigo muito interessante, de Martinho Borromeu, que desnuda um pouco o processo de construção da filosofia e da sua relação íntima com as expressões artísticas do povo timorense, considerando desde as influências clássicas da filosofia europeia tradicional à preservação da ancestralidade e da própria história do Timor Leste, demonstrando, ainda, a preocupação com o ensinamento para as futuras gerações e a consolidação dos valores da soberania nacional.

E, por fim, encerrando esta edição, temos o artigo “João de Santo Tomás e o comentário de Tomás de Aquino à *Ética a Nicomaco*”, de André Ricardo Randazzo, no qual o autor procura expor a argumentação de João de Santo Tomás e tratar da influência desta no pensamento de Jacques Maritain e, ainda, como este último influenciou os estudiosos posteriores de Tomás de Aquino, partindo, fundamentalmente, do *Comentário* de Tomás à *Ética a Nicomaco* de Aristóteles.



Nas pesquisas deste dossiê “As artes e o ensino de filosofia” temos um educar poético, encontramos uma potência poética para re-aprender a ver, a sentir, criar, ensinar e a tecer novas manhãs de possibilidades para a relação entre ensino, filosofia e as artes.

**Pâmela Bueno Costa**

**Paulo Jakimiu Sabino**

**Samon Noyama**